



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica.

DISTINÇÃO ENTRE O USO DE DROGAS E A TOXICOMANIA A PARTIR DA OPERAÇÃO DE FARMAKON¹

DISTINCTION BETWEEN DRUG USE AND TOXICOMANIA FROM THE FARMAKON OPERATION

Rafael de Siqueira Fredi²

¹ Síntese de uma pesquisa desenvolvida durante o curso de especialização *lato sensu* em psicologia clínica pela UNIJUÍ.

² Graduado em psicologia e especialista em psicologia clínica pela UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscaremos esclarecer as distinções entre o conceito de toxicomania e o uso de drogas a partir de um viés psicanalítico. Consideramos que tal temática é efetivamente importante, uma vez que o uso de drogas e a dependência química estão presente em nossa sociedade.

Deste modo, utilizamos o conceito *operação de farmakon* formulado por Le Poulichet e apresentado a partir de Marta Conte (2001), para estabelecer as diferenças entre o uso de drogas e a toxicomania. Sendo assim, temos a pretensão de abordar os efeitos da operação de farmakon no psiquismo, situando qual a função da droga no uso esporádico e na dependência química.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica realizada a partir dos referenciais teóricos da psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pensarmos as toxicomanias e a suas funções para o sujeito, cabe diferenciarmos o uso de drogas das toxicomanias. Antes de mais nada é importante frisarmos que desde os primórdios da sociedade as drogas estiveram presentes em nosso meio, porém nem sempre geraram questões para os sujeitos que delas faziam uso.



O psicanalista Sigmund Freud nos auxilia a pensar a presença de substâncias psicoativas que são sazonalmente usadas pelo sujeito ao longo da vida, mas que não necessariamente se apresentam como uma toxicomania. Ele o faz apontando para a presença do desprazer na vida psíquica e das possíveis formas de amenizá-lo, entre elas o uso de substâncias químicas:

A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos. [...] Existem três desses recursos, talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela (FREUD, 2010, p. 28).

Nesse sentido, o uso de drogas pode estar associado a passagens de certos períodos da vida, onde são utilizadas para uma função específica ou até mesmo de forma recreativa. A droga é usada como uma entre tantas outras formas possíveis de escolha de objetos. Assim, para alguns sujeitos o uso de drogas não irá, geralmente, gerar questões como a drogadição ao nível da toxicomania.

Portanto, se coloca uma diferença entre usar drogas e ser toxicômano. Marta Conte (2001, p.92) aponta a diferenciação conceitual entre a droga e o tóxico. O primeiro refere-se ao produto, já o segundo, o tóxico, é quando a droga passa a ter uma função na vida psíquica do sujeito.

Mas então, o que, especificamente, diferencia o uso de drogas das toxicomanias? Conte (2003), a partir de um conceito proposto por Le Poulichet, nos apresenta as toxicomanias a partir de uma operação denominada de *operação de farmakon*. Esta operação pode ser transitória, ou seja, fazer parte de um momento específico da vida, ou entrar enquanto função, tomando dimensões mais importantes para a subjetividade. Le Poulichet (1990, p. 105 apud CONTE, 2001, p. 92) diz que “a operação de farmakon é uma tentativa de construir um ‘aparelho psíquico’ autônomo, para confundir todo o processo de castração”. Neste sentido esta operação serve para diferenciarmos o uso de drogas das toxicomanias.

Para introduzir alguns conceitos, considero as toxicomanias como um quadro clínico, transitório, que por meio da *operação de farmakon* transforma a droga em “tóxico”, isto é, em uma função com determinada significação para a vida psíquica do toxicômano (CONTE, 2002, p.30).

A toxicomania produz uma montagem que serve, para o sujeito toxicômano, como forma de anteparo à castração¹. Ou seja, o sujeito toxicômano acredita ter achado seu objeto de satisfação sem que este esteja como enigma para tal. Contudo, para a psicanálise, esta

¹ “O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especificamente, com a função interditória e normativa” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2016, p. 73).



montagem serve apenas enquanto negação da castração, uma vez que este objeto, situado enquanto objeto a^2 , é para sempre perdido, situando-se apenas no nível mitológico para o sujeito.

O reencontro com objeto perdido é impossível, já que ele foi por muito tempo metonimizado, no entanto o toxicômano nos diz que a droga é ou foi por muito tempo um objeto vital. Expressa, assim, a negação da perda, remetendo-se a uma negação precoce e fundamental, como consequência de um acontecimento traumático inicial, registrado como uma perda [...] (CONTE, 2001, p. 93).

É importante destacar, para este estudo, que na toxicomania a relação com o objeto droga impõe uma exclusividade na escolha de objeto. Todos os investimentos libidinais se voltam para a droga, não conseguindo pôr sua energia em outros objetos. Seria como um momento de alienação parcial ou total a este objeto (droga), que vem representar algo em suas economias psíquicas. Assim, esta alienação, para o toxicômano, diz de uma escolha exclusiva de objeto de satisfação, onde outros investimentos da libido ficam fora, criando um circuito pseudo pulsional. Marta Conte (2001, p. 92) diz que:

as toxicomanias podem ser consideradas formações narcisistas, caracterizadas pela retirada de investimentos do mundo, que retornam sobre o eu quando a droga é escolhida como objeto único e exclusivo e pela transformação do psíquico em uma afecção que é tratada pelo produto químico.

Conforme Marta Conte (2001) na *operação de farmakon*, há o movimento de exclusão do Outro e uma interrupção dos recortes pulsionais³. É o próprio movimento de driblar a castração que coloca para o sujeito a exclusão do Outro⁴, enquanto alteridade. A castração possibilita os processos pulsionais e por consequência o endereçamento da demanda ao Outro e a viabilização do desejo, já que a falta está colocada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o toxicômano age como se tentasse burlar o circuito pulsional com a exclusão do Outro. Deste modo a *operação de farmakon*, produz uma torção, onde desejo se transforma em necessidade. O que se dá, a partir disto, é a constituição de um corpo instrumentalizado que opera em uma lógica de máquina. É o toxicômano, portanto, que detém o saber de como

² “Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizadas. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser” [...]” (ROUDINESCO, 1998, p. 551).

³ Conceito psicanalítico que busca distinguir o instinto, força presente na natureza, da pulsão, que seria o motor para a vida humana.

⁴ “Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico - o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus - que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo” (ROUDINESCO, 1998, p. 558).



abastecer este corpo (máquina) para que cumpra a função de “interpor algo entre ele e o Outro” (CONTE, 2001, p. 92).

No início do estabelecimento da dependência, o toxicômano usufrui dos efeitos prazerosos da droga e, à medida que avança a habituação, mesmo sob efeito da droga, acentua-se a dor e a depressão, ele vai perdendo a condição de usufruir da droga como antes ocorria. Quando aparece a dor o toxicômano fica impedido de outros investimentos no mundo. A dor cria um circuito pseudo-pulsional que realiza a atividade de ligação e causa um empobrecimento do resto da vida psíquica (CONTE, 2001, p.92).

Os efeitos da *operação de farmakon* produz um psiquismo alterado e as marcas singulares ficam subsumidas (Conte, 2001, p. 93). Essas marcas singulares nada mais são do que a estrutura clínica do sujeito, ou seja, as toxicomanias não podem ser classificadas como estruturas clínicas, elas são formações narcísicas de defesa do eu. Desta forma, em decorrência do apagamento dos traços singulares do sujeito na toxicomania, esta clínica gera enganos que reduzem o tratamento apenas aos fenômenos de compulsão e falta de limites, padronizando-os.

O sujeito sob os efeitos da *operação de farmakon*, busca um estado prazeroso no qual há uma baixa de todas as tensões psíquicas. Para a psicanálise a não presença de tensões psíquicas ou, em outras palavras, a satisfação de todas as pulsões, seria o encontro do sujeito com a morte. Assim, quando um toxicômano se encontra no uso, segundo Charles Melman (1992, p. 74), ele goza de sua própria morte:

Supomos ali um certo gozo. E o único testemunho que temos é que o que se busca é, evidentemente, a abolição da existência, ainda que seja uma abolição transitória, momentânea. E sabemos qual é a busca de um extremo quanto a esta abolição, quer dizer, a busca da morte.

Portanto, inferimos que existem diferenças claras entre o uso de drogas e a toxicomanias. Sendo que a *operação de farmakon* permite esta diferenciação conceitual. Desta forma, o uso de drogas é tomado como suporte para atravessamento de algum mal-estar que venha se presentificar. Dito isso, podemos inferir que o uso de drogas de forma recreativa nem sempre irá produzir uma toxicomania, pois as toxicomanias têm uma ligação direta com a constituição psíquica.

Palavras-chave: Toxicomania. Psicanálise. Operação de farmakon. Drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTE, Marta. **Necessidade - demanda - desejo: os tempos lógicos na direção do tratamento das toxicomanias.** Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. V. 24. Porto Alegre, 2003. p. (41) - (59).



_____. **A clínica institucional com toxicômanos: uma perspectiva psicanalítica.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. V. 2. [S.L] 2002. p. (28) - (43).

_____. **O luto do objeto nas toxicomanias.** Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. V. 21. Porto Alegre, 2001. p. (91) - (107).

FREUD, Sigmund. Obras Completas: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 - 1936).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 2016

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar.** São Paulo: Escuta, 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WINCK NUNES, Otávio Augusto. **Vou apertar, mas não vou acender agora.** Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. V. 26. Porto Alegre, 2004. p. (16) - (22).